

Isolamento do *Toxoplasma gondii* no Brasil

Como uma contribuição à história da pesquisa da toxoplasmose no Brasil, relataremos o que acreditamos ter sido o primeiro isolamento do parasita no Brasil, a partir de um olho portador da doença. Transcorria o ano de 1983 e o grande número de pacientes que atendíamos com toxoplasmose ocular presuntiva nos obrigava a ter um diagnóstico de certeza. Com este intuito planejamos, na primeira oportunidade possível, a tentativa de isolamento do parasita do olho do próprio paciente. Para isso contávamos com a valiosa colaboração da profa. Eunice Chaplin, da Faculdade de Veterinária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que providenciou com antecedência os camundongos soro-negativos adequados para a experiência. A paciente escolhida era proveniente de Relvado, município de Encantado, Alto Taquari, uma área endêmica para a doença. Apresentava um olho phtísico, doloroso no qual anteriormente encontraram-se lesões de retinocoroidite focais. O outro olho apresentava lesões cicatriciais típicas de toxoplasmose ocular.

A cirurgia foi realizada no dia 03 de julho de 1983, no bloco cirúrgico da tradicional enfermaria 25 da Santa Casa de Porto Alegre, pela qual tantas gerações de oftalmologistas gaúchos passaram. Uma vez obtidas a retina e coróide após a evisceração, imediatamente as levamos, em soro fisiológico, até a Faculdade de Veterinária, situada a 30 minutos de carro, na avenida Bento Gonçalves de nossa cidade. Conjuntamente com a dra. Chaplin, homogeneizamos uma parte da amostra por maceração e outras, por

passagens repetidas na própria seringa. Em seguida injetamos o material homogeneizado em 3 camundongos. Após 3 semanas, 2 dos 3 camundongos tiveram a soro conversão e no exsudato peritoneal de um deles finalmente encontramos o tão procurado parasita. A cepa foi mantida por alguns meses mediante sucessivas passagens, mas infelizmente foi perdida por dificuldades materiais tão comuns nas nossas universidades.

O isolamento do parasita de um olho acometido pela doença foi extremamente importante não só por ser o primeiro no Brasil, e talvez na América Latina, mas porque nos indicava que estávamos na trilha certa quanto à suspeita etiológica das inúmeras retinocoroidites que observávamos.

Comunicamos o achado no mesmo ano, no I Simpósio de Retina, que organizamos com o saudoso prof. J. A. Osório⁽¹⁾ e logo após, no I Encontro Brasileiro de Uveítes, assim como em outros congressos da especialidade nos anos de 84 e 85, sendo posteriormente publicado no livro que ele escreveu sobre Inflamações Oculares⁽²⁾.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MELAMED, J.; FORTES F, J. B. - Retinocoroidite toxoplásmica. In: Simpósio Internacional de Retina e Vitreo. Porto Alegre, RS, 1983.
2. OSORIO, L. A. - Inflamações intra-oculares. Liv. Ed. Porto Alegre, Pallotti. 1986.

Prof. Dr. J. Melamed

Retinose pigmentar

Os Departamentos de Oftalmologia da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, da Faculdade de Medicina da USP e da Escola Paulista de Medicina vem, através do **Departamento de Oftalmologia da Associação Paulista de Medicina**, alertar a população que:

Até o momento não há evidências científicas

sugerindo ou comprovando a existência de qualquer tratamento clínico ou cirúrgico benéfico para a retinose pigmentar.

Eventuais terapias preconizadas ou aplicadas no Brasil ou no exterior são ineficazes e podem levar a danos visuais ou sistêmicos, além de prejuízos econômicos aos usuários.